

O teatro como espaço de negociação e cocriação de saberes

Reviewed Book

PARRY, S. (2020)
SCIENCE IN PERFORMANCE: THEATRE AND THE POLITICS OF ENGAGEMENT
MANCHESTER, REINO UNIDO: MANCHESTER UNIVERSITY PRESS

Reviewed by

Carla Almeida

Abstract

Em um contexto cada vez mais rico e abundante de obras sobre ciência e teatro, o livro *Science in performance: theatre and the politics of engagement*, de Simon Parry, se destaca pelo olhar multidisciplinar com que aborda o tema, dando enfoque a questões centrais do campo da divulgação científica. A partir da análise minuciosa e densa de um conjunto seletivo de performances teatrais engajadas na ciência, Parry defende o teatro como espaço de negociação e cocriação de saberes.

Keywords

Public engagement with science and technology; Science and technology, art and literature

Recebido em 1 de Abril de 2021

Aceito em 28 de Maio de 2021

Publicado em 2 de Agosto de 2021

Science theatre, science-in-theatre, science plays, teatro científico e agora *science in performance*. Novos termos vêm surgindo para nomear ou delimitar as diversas formas de interações entre ciência e teatro que, apesar de muito antigas, têm se intensificado e se inovado nas últimas décadas, ganhando crescente atenção da academia.

Se, nos palcos, Michael Frayn's *Copenhagen*, de 1998, é considerado um dos gatilhos para o boom do teatro engajado na ciência — para mencionar outro termo —, na literatura científica, um marco foi a publicação do livro *Science on stage*, de Kirsten Shepherd-Barr [2006], uma das principais referências no campo. Em 2020, a Cambridge University Press dedicou um volume da coleção "Cambridge Companion to Theatre and Performance" ao tema ciência e teatro, editado por Shepherd-Barr, reafirmando tanto a vitalidade do fenômeno quanto a expertise da autora no tema.

Entre um livro e outro de Shepherd-Barr, outras obras têm sido publicadas sobre a interface ciência-teatro, documentando a prolífica expansão desse subgênero e analisando-o a partir de diferentes áreas, olhares e recortes. Elas refletem, por

exemplo, um grande interesse pelos modos como o teatro dialoga com e representa disciplinas científicas específicas e por determinados contextos históricos e geográficos. *Science: Dramatic. Science plays in America and Great Britain 1990–2007*, de Sabine Zehelein [2009], e *Performance and the medical body*, de Alex Mermikides e Gianna Bouchard [2016], são referências nesses nichos — só para citar duas.

Nesse contexto cada vez mais rico e abundante de obras sobre ciência e teatro, vale destacar o livro *Science in performance: theatre and the politics of engagement*, de Simon Parry, lançado em 2020 pela Manchester University Press. Isso porque, apesar de pertencer ao campo teatral — de onde vem parte substancial da literatura sobre o assunto —, Parry aborda a “ciência na performance” a partir de um olhar multidisciplinar, dando enfoque a questões centrais do campo da divulgação científica.

Uma espiada rápida no currículo de Parry ajuda a compreender seu lugar de fala. Ph.D. em drama, o autor é pesquisador da Universidade de Manchester, no Reino Unido, onde leciona Drama e Gestão de Artes e atua como diretor-associado para responsabilidade social na Escola de Artes, Linguagens e Cultura. Mas parte importante das pesquisas que conduz é fruto de sua experiência trabalhando com profissionais do teatro em contextos variados. Para o livro, particularmente, uma experiência crucial foi seu trabalho na instituição de caridade The Wellcome Trust, onde desenvolveu, entre 2002 e 2009, programas voltados ao engajamento público com a pesquisa biomédica, alguns deles tendo a arte como motor.

Desde então Parry vem colecionando casos de encontros “surpreendentes, comoventes e às vezes perturbadores” — em suas palavras — entre ciência, teatro e educação, envolvendo diferentes instituições, sujeitos, públicos e saberes. No livro, o autor apresenta uma seleção criteriosa desses casos, examinando-os sob diversos ângulos, com base em diferentes perspectivas teóricas, que combinam a pesquisa contemporânea em estudos de teatro e performance e conceitos-chave dos estudos sociais da ciência. Além disso, oferece um comentário mais amplo sobre o teatro como forma de engajamento público com a ciência.

Sem pretensões de definir ou caracterizar esse teatro ou mesmo o conjunto de práticas apresentadas, Parry ressalta menos o que elas têm em comum e mais o que possuem de original e desafiador, revelando uma rica diversidade de peças e performances que dialogam com a ciência por meio de diferentes gêneros. Sua seleção inclui desde teatro educacional a performance contemporânea experimental e ópera, passando por drama poético somali e vídeo de grime, e contempla trabalhos de companhias teatrais pioneiras, como Gob Squad, Headlong Theatre e Y Touring. A essa última o autor dedica todo um capítulo, dando destaque ao processo dramático criado pela companhia, conhecido como Teatro de Debate (*Theatre of Debate*), que, durante 25 anos, itinerou por escolas secundárias do Reino Unido engajando jovens em debates sobre temas científicos controversos e questões éticas adjacentes.

As ciências representadas nas produções selecionadas são igualmente diversas, havendo uma predominância de temas emergentes, como genética, mudanças climáticas e inteligência artificial, que, por seu grande impacto social, mobilizam aspectos que vão muito além dos puramente técnicos e sentimentos de toda sorte. Apesar do desconforto gerado por alguns desses assuntos, Parry argumenta que

não só é possível, mas também politicamente desejável rir deles, como no caso da ópera *My Square Lady*. Fruto de dois anos de colaboração entre o coletivo anglo-alemão Gob Squad, um laboratório de neurorobótica e uma casa de ópera de Berlim, o espetáculo é protagonizado por um robô humanoide tentando se passar por humano, com uma atuação um tanto imprevisível — ou melhor, improvisada — e arrancando risos da plateia.

Mas também emergem entre os exemplos discutidos no livro tópicos com viés científico menos óbvio, como a cor da pele, forçando o leitor a enxergá-los de forma mais complexa e plural. Nesse caso especificamente, o autor conta a inusitada história de como MCs de grime e dermatologistas acabaram fazendo um filme juntos em Birmingham, na Inglaterra. Outras surpresas surgem de análises inéditas de sucessos de bilheteria como *Wicked* e *Urinetown*, mostrando como até musicais da Broadway são capazes de estimular reflexões profundas sobre as relações entre ciência e sociedade.

Minuciosas e densas, as análises de Parry abarcam desde o processo de produção das peças e performances, enfatizando as colaborações entre os sujeitos envolvidos, até a sua encenação e, por vezes, a recepção do público. Distanciando-se de uma análise conteudista das obras, que tende a privilegiar o texto e a inserção nele da ciência, e de avaliações que buscam indícios de sua eficiência e seu sucesso, o autor dá especial atenção às questões estéticas e políticas que elas incitam. Nesse movimento, valoriza aspectos que costumam escapar tanto às críticas teatrais usuais quanto aos estudos de iniciativas de ciência e teatro realizadas no âmbito da divulgação científica, evidenciando o quanto um mergulho teórico mais profundo na literatura do teatro e dos estudos sociais da ciência podem enriquecer o debate sobre o tema.

Pensando particularmente do ponto de vista da divulgação científica, é interessante notar os esforços de Parry no sentido de evitar o lugar-comum da valorização da ciência na performance como forma de comunicar ou estetizar fatos científicos estabelecidos. O autor defende as práticas apresentadas no livro como formas de negociação de saberes e coprodução de novos conhecimentos, se alinhando a uma visão da divulgação científica dialógica, inclusiva e democrática. Mas, ao dar materialidade a uma visão que se atém muitas vezes ao discurso, ele revela o potencial desse teatro — independentemente de como ele é nomeado — de estabelecer novas maneiras de saber e de estar no mundo, mundo este em que a ciência desempenha papel central, mas não tem resposta para tudo.

Em tempos de intensa polarização, o livro de Simon Parry mostra que há caminhos possíveis e interessantes entre a crítica destrutiva e a defesa cega da ciência, entre o conflito e a passividade, e a performance teatral é um deles. Está longe de ser uma leitura leve, dada a complexidade dos conceitos introduzidos e a densidade das análises realizadas, mas é de extrema relevância para quem quer dar um mergulho mais fundo no fenômeno ciência-teatro considerando o contexto da divulgação científica.

Referências

- Mermikides, A. e Bouchard, G., eds. (2016). *Performance and the medical body*. London, U.K.: Bloomsbury Methuen Drama.
<https://doi.org/10.5040/9781472570819>.
- Shepherd-Barr, K. (2006). *Science on stage: from Doctor Faustus to Copenhagen*. Princeton, NJ, U.S.A.: Princeton University Press.
- Zehelein, E.-S. (2009). *Science: Dramatic. Science plays in America and Great Britain, 1990–2007*. Heidelberg, Germany: Universitätsverlag Winter.

Autor

Carla Almeida é jornalista especializada em ciência, com mestrado e doutorado em divulgação científica. Integra a equipe do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida, vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde desenvolve pesquisas centradas nas relações entre ciência e sociedade, com foco em diferentes mídias e no teatro. É membro dos corpos docentes do curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência e do Mestrado Acadêmico em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, ambos vinculados à Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). E-mail: carla.almeida@fiocruz.br.

How to cite

Almeida, C. (2021). 'O teatro como espaço de negociação e cocriação de saberes'. *JCOM* 20 (05), R01.

English version

<https://doi.org/10.22323/2.20050701>



© The Author(s). This article is licensed under the terms of the Creative Commons Attribution — NonCommercial — NoDerivatives 4.0 License.
ISSN 1824-2049. Published by SISSA Medialab. jcom.sissa.it